

*ALGUMAS NOTAS  
SOBRE OS RETRATOS DA  
GALERIA DO GOVERNADOR  
DO PALÁCIO DE GOA*

POR

*JAIME MARTINS BARATA*

JAIME MARTINS BARATA

ALGUMAS NOTAS  
SOBRE OS RETRATOS DA  
GALERIA DO GOVERNADOR  
DO PALÁCIO DE GOA



Separata de BELAS ARTES-Revista e Boletim  
da Academia Nacional de Belas Artes-Lisboa

# ALGUMAS NOTAS SOBRE OS RETRATOS DA GALERIA DO GOVERNADOR DO PALÁCIO DE GOA

SOU forçado a lamentar que esta comunicação não atinja o nível corrente das comunicações aqui apresentadas. Na verdade ela nada traz de novo, quanto a investigação. Não passa, afinal, de uma reportagem. Mas o assunto é muito importante e de um interesse artístico e histórico muito grande e por isso me convenço de que ele, por si só justifica e desculpa a cópia de pormenores que passo a expor.

A Administração Geral dos Correios, onde tenho a honra de ser Consultor Artístico, tomou a iniciativa de incluir no plano das suas emissões de selos de carácter cultural, uma que fosse dedicada às figuras mais importantes do Governo da Índia.

Solicitou-se, antes de mais nada, da Academia Portuguesa da História, a indicação dos nomes dos Vice-Reis e Governadores mais dignos dessa distinção. Obteve-se assim a lista dos nomes desejados, mas com a expressa declaração de que «os retratos que vulgarmente correm dos Vice-Reis não têm nenhuma parecença com os originais».

Perante esta tão importante afirmação, no intuito de facilitar o trabalho do Artista que viesse a ser encarregado dos desenhos para esta emissão e ainda por natural curiosidade de espírito, procurei, até onde podia, esclarecer este ponto.

Alguns estudiosos confirmavam o ponto de vista da Academia da História. O nosso saudoso confrade Luís Keil citara, num estudo sobre a assinatura de Vasco da Gama, o primitivo retrato deste Capitão existente na Galeria dos Governadores do actual Palácio de Nova Goa, cuja data diz ser de 1548. Mas não o reproduz; limita-se à estampa de duas das suas cópias, de que adiante falamos. O Sr. Matos Sequeira e o Dr. João Couto tinham notícia dos retratos originais, mas não conheciam esses documentos. O Sr. Frazão de Vasconcelos cita-os no seu livrinho *As Pinturas das Armadas da Índia* mas não os apresenta. O Sr. Luís Reis Santos, que passara por Goa, conhecia alguma coisa sobre o problema, mas também não tinha documentos. Indicou-me, todavia, o artigo do Sr. Jorge de Moser, publicado no jornal *A Victória* de 20 de Maio de 1946, intitulado *Iconografia dos Vice-Reis da Índia*. Este artigo que me passara despercebido quando da sua publicação, foi para mim o ponto de partida. A sua argumentação e a sua documentação eram convincentes.

Quiz o Sr. Jorge de Moser informar-se iconograficamente, sobre o primeiro Marquês do Louriçal e, para fugir às reproduções por demais conhecidas, pediu para Goa a reprodução do quadro original que obteve e publicou. No seu artigo mostra-se o contraste entre

os maus documentos que habitualmente se vêem nos livros como sendo o retrato daquele Vice-Rei e a boa pintura que existe na Galeria do Palácio de Goa.

Com este exemplo tão bem sucedido pareceu-me aconselhável imitá-lo, procurando também obter de Goa fotografias dos retratos desejados. Foi isso o que acabámos por fazer, depois de ter examinado com alguma minúcia o que sobre este assunto tinha sido entre nós publicado.

O que veio a público em Portugal — salvo omissão — em livros e revistas, tem a sua origem em cópias, mais ou menos fiéis, mais ou menos antigas, ou das pinturas da Galeria de retratos de Goa, ou dos desenhos de Gaspar Correia (que foi Secretário de Afonso de Albuquerque) os quais se vêem nas suas *Lendas da Índia*.

Refiro-me aos documentos reunidos em colecções e não a quadros isolados, entre os quais alguns serão fiéis, mas outros serão inteiramente ideados, ao sabor da interpretação e da fantasia do autor, e sem nenhuma base objectiva conhecida.

Desses documentos, os principais, pelo menos os mais conhecidos, são os seguintes:

I — Pedro Barreto de Rezende compôs, em 1635, o *Breve Tratado de todos os Vice-Reis que tem havido no Estado da Índia*, no qual reproduz as cópias dos retratos de Goa, pintados a água. Dos seus desenhos há muitas réplicas, em tons planos de cor, que tem sido dadas à estampa em variadas publicações.

II — Faria e Souza, em 1663 e 1672 publicou a sua *Asia Portuguesa* onde se vêem também reproduções dos retratos de Goa em interpretações bastante rudes, gravadas em madeira. Não condizem em todos os pormenores com os de Rezende, mas como aquelas têm um encanto particular, o que lhe vem do processo em que foram realizadas. Como documentos iconográficos, são de uma pobreza evidente.

III — Delorme Colaço em 1841 publica um pequeno album de reproduções litografadas dos retratos dos Vice-Reis e Governadores precedidas do seguinte aviso: «Esta galleria he formada pela copea exacta e minucioza dos grandes (em nota: têm 8 pés de alto e 4 de largo) Retratos que existem nas Salas do Palácio do Governo em Pangim, acompanhada de um rezumo Histórico sobre os factos mais notáveis de cada um».

«Não querendo fazer elogio a meu pincel, pois que apenas tem sido exercitado em Dezenhos militares, advirto o benigno Público; que a multidão de irregularidades e erros, que apresente a maior parte destes Retratos, são os mesmos que lá estão, julgando eu visto conservar-lhes o merecimento, e não ser obra de fanthazia».

Também estes desenhos têm a pátina que lhe dão 110 anos de existência. Mas apesar da honesta declaração do seu autor, repugna ao nosso entendimento aceitar como fiéis, desenhos tão semelhantes entre si, todos com iguais «multidões de erros», e todos com irregularidades iguais. Não parece crível que essas particularidades fossem comuns a quadros de diferentes autores, feitos em datas muito afastadas umas das outras; antes nos parece vir o mal da mão do coprador, que foi a mesma para todas as cópias.

Nada disto nos servia. Tínhamos de conhecer os originais de Goa. Procurámos o Sr. Coronel José Cabral, um dos últimos governadores do Estado da Índia, que nos disse,



FIG. 1 — D. FRANCISCO DE ALMEIDA (1505-1509)



FIG. 2 -- AFONSO DE ALBUQUERQUE (1509-1515)



FIG. 3 — D. VASCO DA GAMA (1524)

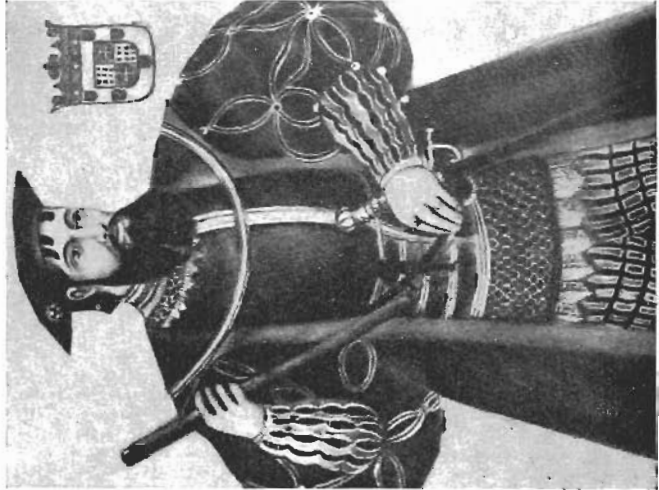


FIG. 4 — NUNO DA CUNHA (1528-1538)



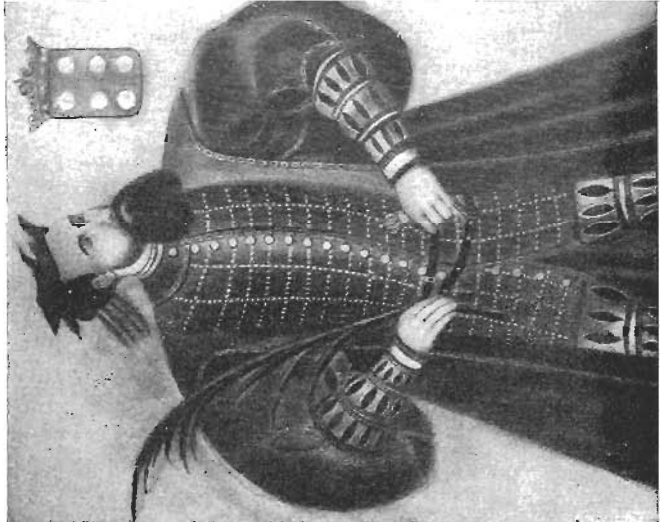


FIG. 5 — D. JOÃO DE CASTRO (1545-1548)

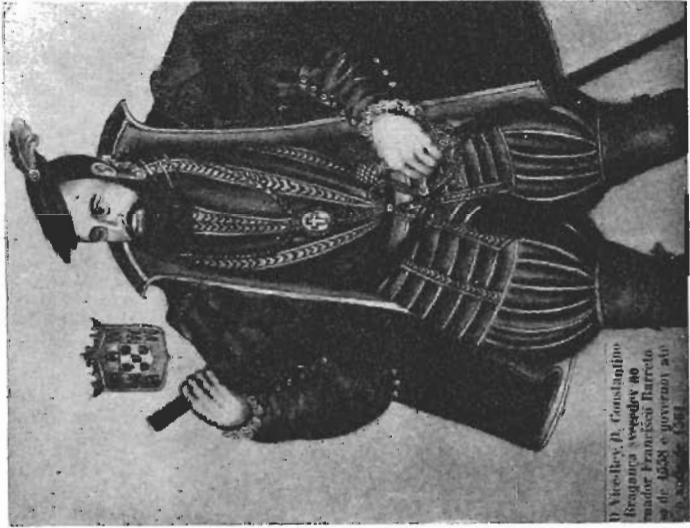


FIG. 6 — D. CONSTANTINO DE BRAGANÇA (1558-1561)

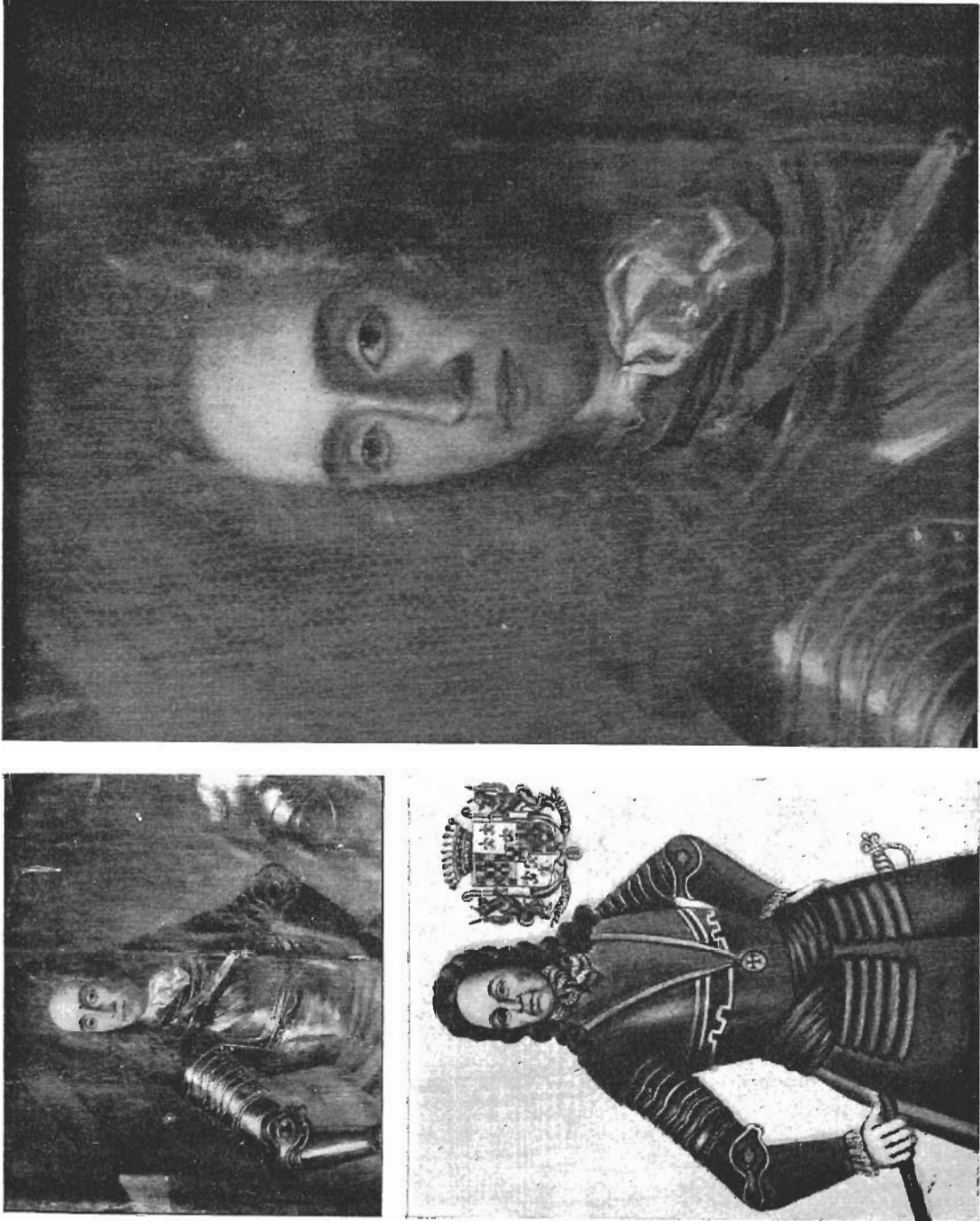


FIG. 7 — MARQUÊS DO LOURIÇAL (1717-1720 E 1741-1742)



FIG. 8 — D. PEDRO MIGUEL DE ALMEIDA PORTUGAL, (1744-1750)

em resumo, estarem os retratos todos estragados. «Nada valem artisticamente, nem nunca teriam tido qualquer valor (segundo a opinião do pintor Fausto Sampaio que os analisou a pedido daquele governador). E parece que em 1894 o Vice-Rei D. Afonso Henriques — o Infante irmão do Rei D. Carlos — tinha como ajudante o então capitão Gomes da Costa o qual foi incumbido de «restaurar» os retratos da Galeria, tarefa de que se desempenhou segundo a sua fantasia e a sua conhecida veia humorística, tendo-se permitido pôr barbas e bigodes, a seu bel-talante».

Disse-nos mais o Sr. Governador José Cabral que quem teria documentos seguros sobre os retratos da galeria era o Sr. Dr. Ferreira Martins, natural de Goa e antigo professor do Liceu daquela cidade, e autor dum livro sobre os Vice-Reis e Governadores da Índia, no qual vinham publicados todos os retratos.

Vimos o livro do Sr. Dr. Ferreira Martins e ouvimos pessoalmente deste senhor a confirmação do que soubéramos sobre a «intervenção artística» do Capitão Gomes da Costa. O Sr. Dr. Ferreira Martins assegurou-nos serem os retratos que publicara, «rigorosamente as reproduções dos quadros da galeria de Goa», que ele bem conhecia desde pequenino.

Não conseguíamos nós, porém, conformar esta categórica afirmação com o aspecto da sala dos Retratos — a Sala do Conselho do Palácio de Goa — publicado na revista *Mundo Português* onde se viam as pinturas alinhadas compactamente nas paredes, em duas filas. Tinham todos um fundo escuro, onde se destacavam, imprecisas, as manchas mais claras das figuras. Por outro lado os retratos do livro do Sr. Dr. Ferreira Martins eram todos desenhos (e não pinturas), semelhantes entre si, todos tinham fundos claros e uma tabela tipográfica anexa, composta em caracteres da família Didot, que é do século passado.

Alguém nos informou, depois, estar na Sociedade de Geografia a verdadeira colecção das reproduções das pinturas, autênticas, do Palácio de Goa. Fomos vê-las. Eram iguais às do livro do Sr. Dr. Ferreira Martins...

Não tínhamos melhor recurso do que dirigir-nos directamente ao Governo de Goa. Por indicação do Sr. Félix Ferreira, director da Casa dos Estudantes do Império e natural da Índia (onde também viu os retratos) pedimos simultâneamente:

- ao fotógrafo de Goa Sousa & Paul as fotografias dos autênticos quadros da Galeria;
- ao Presidente da Comissão de Arqueologia do Estado da Índia, o favor de nos garantir a fidelidade das provas fotográficas;
- ao Governo do Estado da Índia o favor de autorizar a missão do fotógrafo.

Passados meses recebemos o pacote das provas pedidas acompanhadas de gentilíssimas palavras. Vinha também a comunicação do governo assegurando a fidelidade das reproduções (que muito amavelmente nos foram oferecidas) pelos seus serviços históricos e informativos.

Abrimos o pacote com um interesse que não é necessário explicar. Vinham todas as provas. Simplesmente — eram iguais às do livro do Sr. Dr. Ferreira Martins e às da Sociedade de Geografia...

Esclarecia, na sua comunicação, o Sr. Governador: «As reproduções são extraídas duma colecção de negativos arquivados anteriormente aos restauros que em muitos dos retratos fez em 1894 o então Capitão e depois Marechal Gomes da Costa, à data ali em serviço».

«Essas reproduções divergem algum tanto dos retratos na galeria dos Vice-Reis e Governadores, mas pareceu preferível enviar essas por serem as mais autenticamente históricas».

«Para prova de autenticidade, que foi verificada pelo arquivista geral do Estado da Índia P. Pissurlencar e pelo chefe da Secção de Informação Francisco Alves de Azevedo, as provas fotográficas vão devidamente seladas com o selo branco deste Governo Geral».

Agradecendo a gentileza e o bom acolhimento dado ao nosso pedido, tivemos de insistir nele, pedindo as reproduções das telas ou das tábuas, «no seu estado actual, por mais ruinoso que fosse».

Vieram finalmente as provas tão desejadas, e acompanhadas dum parecer que nos esclarecia a razão de tanta insistência no ensino das mesmas provas.

Nesse parecer dizia-se:

«As fotografias primeiramente enviadas foram obtidas de cópias a «crayon» que cerca de 1890 o pintor ou desenhador Róncon, no seu tempo bastante considerado por ser um artista honesto, fez dos quadros existentes na Galeria dos Vice-Reis.

Com as fotografias obtidas desses desenhos «a crayon» organizou um fotógrafo um álbum que foi premiado na Exposição Industrial e Agrícola de Goa em 1890».

«Em 1894 o então Capitão Gomes da Costa, à data aqui em serviço, procedeu no restauro da maioria dos quadros existentes na galeria dos quadros dos Vice-Reis. Parece não haver dúvida que o retrato do Marquês de Louriçal (e o que se diz deste diz-se de todos os outros quadros) foi profundamente restaurado pelo Capitão Gomes da Costa, sendo opinião dos técnicos que, com excepção do rosto, o restaurador tudo modificou».

«É certo que o desenhador que a crayon copiou o quadro foi muito livre na reprodução do rosto, porque ficou muito diferente do retrato, mas quanto ao restante é certamente mais digno de confiança sob o ponto de vista iconográfico do que o retrato na sua forma actual».

«Gomes da Costa assinou o seu trabalho com a frase *Restaurado por Gomes da Costa em 1894*».

Acrescentava-se ainda uma informação muito importante:

«Nos retratos mais antigos (Afonso de Albuquerque, Vasco da Gama, D. João de Castro e Nuno da Cunha) veem-se nitidamente as diferentes modificações que sofreram através dos tempos. Pelo menos, três fases se notam nessas pinturas».

Obtidas assim finalmente as provas das pinturas existentes, no seu estado actual — e que suponho inéditas entre nós — tentemos analizá-las sumariamente.

Não julgo possível apenas pela observação das reproduções, julgar da época em que cada uma das pinturas foi feita. Talvez mesmo não seja fácil sabê-lo pela análise dos ori-

ginais, tão ruinosos eles se nos apresentam em certas zonas menos cobertas pelos sucessivos retoques. Como atrás digo, o Sr. Luís Keil num estudo publicado em *Armas e Troféus* afirma ser de 1548 o retrato original de Vasco da Gama, existente na Galeria de Goa. A gravura mais antiga que condiz com este quadro é do séc. XVII, como vimos, pois que os desenhos quinhentistas de Gaspar Correia têm outra composição de figura, enquadramento e acessórios.

É crível que também os retratos de D. Francisco de Almeida, de Afonso de Albuquerque, D. Nuno da Cunha, D. João de Castro, D. Constantino de Bragança, e porventura de mais algum, sejam coevos dos retratados.

Vê-se menos mal nas reproduções que muitos destes retratos têm as caras muito melhor conservadas do que o resto do quadro. Só uma análise cuidada do original poderá dizer a razão desse facto.

É natural que a maioria dos retoques durante a longa vida destas pinturas tenha incidido especialmente sobre os rostos. Todavia o Capitão Gomes da Costa, seu último «retocador» parece não ter tocado nas caras. Por outro lado, a pintura feita em redor parece estar em péssimo estado.

De onde parece poder concluir-se estar mais arruinada a pintura de Gomes da Costa, feita há quase 60 anos — do que a pintura, mais antiga, onde ele não tocou.

Não repugna a ideia da pintura nesse local assentar num preparo mais sólido do que em volta. Essa maneira, que Reynolds usou com frequência depois do seu estudo dos Venezianos, seria vulgar em épocas não muito afastadas da boa tradição das têmperas. E pode talvez aceitar-se que a prática do preparo de têmpera, não é alheia às razões da melhor conservação dos rostos nestas pinturas.

Poucas cópias de Rezende ou de Colaço pude cotejar com as provas agora vindas. Do que comparei parece concluir-se que os quadros mantêm ainda a composição original, o arabesco da figura e a colocação das cabeças.

Há, todavia a impressionante mudança sofrida pelo retrato de Vasco da Gama, com o rosto noutra posição e outras alterações fundamentais na atitude. A quem se deveria essa alteração tão grande, que é posterior à cópia de Róncon, a qual, nesse ponto, condiz com as cópias anteriores acima citadas?

Não seria necessário o elemento cronológico para se sentir ali pintura de 1900. Mas não parece, também, que os pincéis amadores de Gomes da Costa — de resto alheados do retoque das caras, como nos dizem de Goa — fossem capazes de pintar uma cabeça que, embora discutível de gosto e de intenção, acusa certa «bravura» de profissional.

Seja como fôr, no breve convívio com estas provas — onde não se adivinha qual «a cor» dos originais — não podemos deixar de sentir nos retratos, mesmo nos que são uma ruína patente, aquela constante portuguesa de seriedade, modéstia e força contida que já foi assinalada justamente pelo Sr. Prof. Reinaldo dos Santos a propósito dos retratos portugueses do Séc. XVII.

Ao longo dos tempos, e através de vicissitudes várias, alguma coisa do original se tem mantido, como o atestam os preciosos testemunhos que são as cópias de Faria e Souza, Rezende, Colaço e Róncon.

Nalgumas das cabeças destes grandes capitães há um reflexo de doçura, que não exclui a força. O «Castro Forte», «o que empenhando os pêlos do seu bigode em 20.000 xerafins, lhe foram tornados com respeito e se lhe deu muito mais do que pediu», ainda parece apresentar no retrato a dignidade que deveria mostrar no original.

D. Francisco de Almeida ainda tem a expressão dum Fundador, e há uma ansiedade e um espanto no seu olhar que se ajustam bem à grandeza da sua figura.

O «Terribil» é infelizmente representado numa tábua inferior. A longa barba aguçada não chega para lhe dar a majestade que o seu grande nome sugere.

Em todos os retratos, todavia, mais ou menos, se salva ainda alguma coisa da construção das cabeças, da nobreza das atitudes e porventura dos portuguesismo das expressões, bem diferentes das reproduções decorativas de «figuras de jogo de cartas» que os tem substituído aos olhos do mundo.

Parece-me que é direito e dever desta Academia propor às instâncias Superiores talvez por intermédio do Instituto de Investigações Coloniais, a vinda das tábuas e telas de Goa a uma oficina autorizada de restauro, para estudo dos interessados e vulgarização de uma ainda rica fonte de documentos.

Poderemos assim nestes retratos «ver as pessoas» dignas das Crónicas e dos Poemas, em lugar dos belos manequins lindamente enroupados que estamos habituados a ver em seu lugar.

Não se poderiam negar a utilidade, a grandeza e a beleza dessa obra.

---

Em cada gravura que acompanha estas notas vê-se a parte superior dum retrato da Galeria de Goa e, ao lado, um pormenor ampliado da cabeça do mesmo. À esquerda e em baixo vê-se a vulgarizada interpretação de Róncon feita sobre aquele documento.